

Saninha: mulher adúltera na belle époque

Elis Regina Torres Pereira¹

Resumo

Ana Emília Ribeiro (1876-1951) responsabilizada pela sociedade brasileira pelo homicídio de seu esposo Euclides da Cunha, viveu como julgada e condenada, talvez por não ter se subjugado ao imaginário de mulher do projeto político dos primeiros anos da República Brasileira. Em sua trajetória, Saninha, como Ana Emília era conhecida, serve-nos de exemplo para refletir sobre as duras penas sofridas por uma mulher que desrespeitasse as imposições da sociedade na Belle Époque carioca. Na luta pelo que acreditava ser o melhor para sua vida, essa mulher foi rejeitada, exilada, exposta em sua intimidade publicamente por toda a alta sociedade do período. Traída e abandonada por aquele a quem dedicou o seu grande amor, morreu solitária sem nunca ter se defendido publicamente.

Palavras chave: Sociedade. Mulher. Projeto político. Positivismo. Esposa. Adultério. Honra. Homicídio.

Na historiografia brasileira das primeiras décadas do século XX, podemos perceber diferentes formas de caracterizar uma sociedade formada dentro de um projeto político que, desde o momento em que o Brasil se emancipou politicamente, pretendia transformar o país em uma nação civilizada, culta e moderna, tendo como modelo os ideais europeus. A ordem e o progresso da jovem República Brasileira centravam-se na importação de costumes europeus, acreditando-se que a “modernidade” eliminaria todos os resquícios de um passado de “atraso”.

¹ Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Professora Nair Forte Abu-Merhy de Além Paraíba\ MG, aluna da Pós-graduação *lato sensu* História, Sociedade e Cidadania do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Nesse projeto político que possuía a pretensão de transformar o Brasil em uma nação civilizada, culta e moderna, as práticas e costumes tanto das elites quanto das camadas populares se tornaram objeto de grande preocupação.

Reconhecendo a imensa diversidade de práticas populares num país de dimensões continentais, de população resultante de diferentes matrizes étnicas e de sua miscigenação, focalizaremos nossa atenção no papel da mulher nos primeiros anos de República, especificamente na Região Sudeste e nos arredores do Rio de Janeiro, então capital da República Brasileira.

A normatização da sociedade brasileira, tal como concebida no projeto nacional em curso, encontrava-se fortemente associada à definição da família. Era nessa instância que se tinham claramente delimitadas as obrigações da mulher. Na sociedade patriarcal, de base fundamentalmente agrária, havia uma diferenciação extrema entre os dois gêneros: o homem era considerado representante do sexo forte, o mais nobre, o que deveria controlar toda a família; a mulher, representante do sexo frágil, era delicada e portadora de uma debilidade que extrapolava o físico e que se revelava também no aspecto moral, razão que explicava a necessidade de ser protegida e controlada. Essas distinções estavam em todas as esferas, desde o modo de trajar até a criação de um padrão duplo de moralidade: os homens podem tudo e as mulheres devem se manter completamente subordinadas a eles.

A concepção da mulher como ser inferior, forte na cultura ocidental há muitos séculos, criou as bases para a criação de um modelo imaginário da mulher ideal para a formação de uma família bem estruturada. Era comum a noção de que a razão não era atributo presente nas mulheres, seres vistos como incapazes de controlar seus comportamentos, correndo o risco de sucumbir à loucura. Os escritos de Rousseau, por exemplo, estabelecia que a família moderna deveria se basear no amor materno.

Neste trabalho, pretende-se propiciar uma reflexão a respeito da situação das esposas dos nossos “homens de bem” no período em questão. Ressalta-se que em função da natureza dos registros históricos que temos para conhecer a situação das mulheres nos primeiros anos do século XX, é preciso que nos apoiemos em relatos que sabemos ser parciais e frutos de uma sociedade essencialmente patriarcal.

Para exemplificar a situação do papel da mulher criada para ser “Maria”, mas que praticou atos que a levaram a ser julgada como “Eva”, trabalharemos com alguns elementos da história de Ana Emília Ribeiro (1876-1951) conhecida como Saninha, filha de militar e casada, por conveniência, com o escritor Euclides da Cunha.

Saninha, filha de Túlia Ribeiro² e do major Frederico Sólon de Sampaio Ribeiro,³ foi criada de acordo com os princípios positivistas. Tornou-se conhecida e alvo de inúmeras acusações ao se transformar em pivô de um dos mais conhecidos crimes passionais do início do século XX: a tragédia da Piedade.

O homicídio de Euclides da Cunha, esposo de Saninha, foi um grande escândalo na sociedade brasileira da época. Devido ao inquérito e julgamento de Dilermando de Assis⁴, vários detalhes da relação de Ana e Dilermando foram revelados. Considerou-se então que as atitudes de Saninha não correspondiam às expectativas do modelo imaginário para a mulher numa sociedade formatada pelo projeto político vigente.

Saninha não foi alvo das ações do sistema jurídico, sua pena foi dada pela sociedade: rejeitada pela família, abandonada pelos amigos, criticada e massacrada pela imprensa, serviu como alvo de todos os tipos de repulsa até sua morte em 1951. Ela nunca perdoou Dilermando, que depois de 13 anos de casamento e cinco filhos, apaixonou-se por outra mulher.

Ana de Assis, numa época que a tradição popular para a punição de mulher infiel ocorria com sangue, foi declarada adúltera publicamente. Viveu em um período em que a conduta sexual do homem não passava por julgamento. No jul-

² Na bibliografia consultada não foi possível encontrar o nome completo da mãe de Saninha.

³ O Major Sólon Ribeiro era um dos líderes do golpe que derrubou a Monarquia no Brasil.

⁴ Dilermando foi absorvido deste homicídio por legítima defesa e se casou com Ana em 1911. Em 1916, dois meses do assassinato de Sólon da Cunha (morto em tocaia que deixa suspeita de ser a mando do assassino de seu pai), a imprensa da época noticia que: “Dilermando, com um tiro a queima roupa, após tiroteio em cartório de órfãos, mata filho de Euclides da Cunha”. Euclides da Cunha Filho tentava lavar a honra, a sociedade cobrava dos órfãos de Euclides justiça com as próprias mãos.

gamento da uxoricida⁵, o uso da tese de legítima defesa da honra invariavelmente absolvía o homem, legitimando o exercício da violência e o direito sobre a vida das mulheres.

Saninha era uma jovem adolescente quando conheceu o jovem revolucionário Euclides da Cunha no baile de comemoração da Proclamação da República. Encantou-se com aquele rapaz que fora desligado da carreira militar em 13 de dezembro de 1888, em razão do protesto contra a política de promoções do Exército, conhecido como Episódio do Sabre⁶. Sabendo de tal peripécia, aos quatorze anos, aceitou prontamente o pedido de casamento anunciado para a família pelo seu pai. A jovem, nesse momento, não percebe a imposição: ela não estava sendo consultada sobre o pedido de casamento, estava sendo comunicada. Anos depois, buscando apoio da família, justificará o fracasso no casamento pela falta de convívio com o esposo antes das núpcias.

O jovem enamorado tinha pressa em se casar, argumentava que precisava se preparar nos meses de outubro e novembro para os exames finais na Escola Superior de Guerra. O pai e o pretendente de Saninha nomearam o major Teodoro Gomes Guimarães como procurador para tratar dos documentos necessários ao casamento, principalmente regularizar a situação da noiva em função de sua minoridade. Em agosto de 1890, nos documentos de habilitação de casamentos, registrado nos comprovantes de idade, Ana aparecia com 18 e Euclides com 24 anos de idade.

O casamento civil, introduzido pela República, foi realizado na casa da noiva. O casamento religioso foi celebrado na Igreja Matriz de São Cristóvão. Saninha, que teve sua idade adulterada, estava então oficialmente com 18 anos e passou a se chamar Ana Emília Ribeiro da Cunha.

⁵ Terminologia jurídica para o marido que matasse a mulher infiel.

⁶ Ainda no período monárquico, na inspeção das tropas pelo Ministro da Guerra, durante a revista, Euclides, com 22 anos, saiu de forma, tomou a sabre e tentou quebrá-lo sobre a perna, não conseguindo atirou a arma aos pés do ministro. Preso recusou se declarar doente mental, sua penalidade se limitou ao desligamento do exército, justificado por motivo de incapacidade física, interrompendo os estudos.

Seguindo os preceitos do positivismo, quando “ser feliz no casamento” significava dividir afeto com o cônjuge, ter estabilidade familiar, dando carinho aos filhos e vivendo com segurança financeira, Ana da Cunha procurava cumprir o papel de esposa devotada. Vivia sobre o julgo de uma sociedade que creditava à boa esposa castidade e submissão. Mulheres “honestas” não saíam à rua sem companhia, eram consideradas seres frágeis e recatadas, devendo, a todo o custo, resguardar sua reputação.

Saninha mantinha-se a distância necessária para o marido se concentrar nos estudos. A primogênita do casal morreu nos primeiros dias de vida, um ano após o esposo receber o diploma de bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais pela Escola Superior de Guerra. Marido conceituado, escreveu nesse diploma uma dedicatória às memórias da mãe, que perdera quando tinha três anos de idade, à filha, morta com poucos dias de vida, ao pai e à mulher, Saninha. (VENTURA, 2002).

Quando estourou a Revolta da Armada⁷ na capital da República, o pai de Saninha, então deputado e proponente de um Projeto de Lei, que incompatibilizava os militares para os cargos políticos, foi detido. Como não era possível estar junto ao esposo tenente, que se deslocava de um lado para o outro, Saninha, com o filho Sólon Ribeiro da Cunha⁸ nos braços, foi transferida para a casa do sogro em São Paulo por medidas de precaução.

Nessa época, era comum que os casais ficassem separados por motivo de trabalho e as correspondências serviam de remédio para amenizar a saudade. Nas inúmeras correspondências do marido, não são encontrados sinais de remorsos por afastar-se de sua companheira. Saninha também estava solitária na tristeza da ausência de vida conjugal.

⁷ Movimento que exigia novas eleições presidenciais, opondo a Marinha e o Exército.

⁸ Primogênito de Euclides estava na casa onde ocorreu o assassinato de seu pai. Durante o período que sua mãe esteve em companhia de Dilermando, Sólon se tornou amigo inseparável de Dinorah, outra vítima da Tragédia da Piedade, atingido por umas das balas disparadas por Euclides ficou impossibilitado de seguir sua carreira de jogador de futebol, sofre de hemiplegia e anos mais tarde cometeu o suicídio. Em missão como delegado de polícia, Sólon morreu em uma emboscada em 6 de maio de 1916. Na sociedade carioca falaram de que o assassino de Euclides estava envolvido neste assassinato.

Durante a revolta da Marinha, acentuaram-se os atritos e divergências entre seu marido e seus pais. A família de Saninha reclamava por Euclides da Cunha não ter visitado o sogro na cadeia e que, apesar do prestígio que gozava, não moveu “nem um dedo” em sua defesa. Enquanto isso, em casa, seu esposo a responsabilizava pelas acusações feitas e pelo afastamento dos seus familiares. Duplamente hostilizada, sem amparo do marido e de sua família, as relações familiares conflitantes irão afetar a convivência da mãe e de seus próprios filhos. Com a posse de Prudente de Moraes, o pai de Saninha foi inocentado e posto em liberdade, mas morreu meses depois.

Saninha acompanhou o marido na transferência para Minas Gerais e, na cidade de Campanha, nasceu Euclides da Cunha Filho, terceiro filho do casal. A situação desconfortável no Exército, as relações familiares abaladas pela prisão e a morte do sogro, serviram de justificativas para que seu cônjuge, que já possuía um temperamento agitado, apresentasse uma enorme irritação que explodia em disputas domésticas, que tinham em Saninha a principal vítima.

Nos anos seguintes, quando assumiu o cargo de engenheiro, suas inúmeras viagens pelo Brasil resultaram em dias de paz na casa dos Cunha. Quando Euclides partiu como correspondente para a Bahia com o intuito de cobrir a Guerra de Canudos, a paz não foi compensada com a ausência, pois, no retorno, Saninha sofreu com a decepção do esposo ante a República. Foi na vida conjugal que os desafetos despontaram com mais vigor e o casamento sofreu sérios desgastes. Mas, mesmo com brigas diárias, o casamento continuou.

Tempos depois, Saninha deu à luz o seu quarto filho, Manuel Afonso Ribeiro da Cunha⁹. Nessa ocasião, seu marido estava encarregado de reconstruir uma ponte em São José do Rio Pardo e dedicava todo o tempo disponível para escrever aquela que seria sua grande obra “Os Sertões” VENTURA (2002). O livro, considerado pelo próprio autor de “livro vingador” VENTURA (2002), não foi pouso para

⁹ Manuel Afonso nasceu em 31 de janeiro de 1901, morreu aos 32 anos vitimado por síncope, que também afligia seu pai, Euclides, ao longo da vida. Saninha teve que receber escolta para ir ao sepultamento do próprio filho.

toda a sua fúria e desgosto com as atitudes dos governantes. A família de Saninha mais uma vez é o alvo das agressões verbais de Euclides. O esposo desconfiado demonstra com atitudes rígidas que Saninha não tinha competência para manter uma família estruturada e passa a exigir prestações de contas, acusa a esposa pelas doenças dos filhos e de ser ela uma mãe ausente. Em virtude disso, Saninha se desencanta e se afasta cada vez mais daquele por quem tivera profunda admiração.

Durante meses, o pai dos filhos de Saninha esteve viajando pelo interior de São Paulo, até que em 1905 passou seis meses e meio em Manaus sem enviar nenhuma notícia. Saninha mudou-se de São Paulo para o Rio de Janeiro. E em 1906, como que ressurgido das cinzas, o marido regressa ao Rio de Janeiro, com a saúde debilitada pela malária contraída na selva e que se juntara à tuberculose da infância.

Saninha, mulher casada com um homem público, membro da Academia Brasileira de Letras, jornalista famoso, estava grávida do jovem Dilermando de Assis. Confessando traição espiritual, teve o perdão declarado pelo marido, que desde então passou a desconfiar da conduta da esposa, mas, sem cogitar uma separação. Saninha tentou de várias formas interromper a gravidez, mas não conseguiu o aborto. Procura a ajuda de um médico de confiança que se nega a realizar tal procedimento e a aconselha a prosseguir com a gravidez e que, quando a criança nascesse, pedisse para que o marido fosse falar com ele. Com dificuldades de esconder a barriga do marido, ela resolve mudar e faz o maior esforço possível para justificar um nascimento prematuro. Na literatura disponível, há grandes divergências sobre o destino dessa criança.

Durante o tempo em que esteve sem notícias do marido, há meses afastado de sua residência em São Paulo e com os dois filhos mais velhos em colégios internos, Saninha se transferiu com o caçula para o Rio de Janeiro. Aconselhada por amigos da família, pretendia ficar em companhia de Lucinda e Angélica¹⁰, donas de uma pensão familiar no Rio de Janeiro, recomendada por uma contraparente¹¹. Então, se instala na pensão Monat.

¹⁰ Lucinda e Angélicas eram tias maternas de Dilermando. Citadas nos autos do processo do homicídio de Euclides da Cunha como responsáveis pelo fornecimento do endereço onde ocorreu a tragédia.

¹¹ A mãe de Dilermando tinha uma prima que era casada com um parente distante de Saninha.

Lucinda e Angélica foram extremamente cordiais ao receber a esposa do conceituado “Doutor Euclides da Cunha”, já que cultivar relações com pessoas importantes era ampliar espaços na sociedade. Além do mais, Saninha trazia recomendações especiais da irmã mais velha das donas da pensão, a mãe de Dilermando e de Dinorah, que morava em São Paulo, e foi a responsável pelo sustento das irmãs mais novas durante os estudos.

As tias Lucinda e Angélica tinham “ficado no caritó”, o que significava que não tinham se casado, muito embora nessa época, no Rio de Janeiro, o sexo masculino fosse predominante, representando cerca de 60% da população (DEL PRIORE, 2009). Aos olhos da sociedade, ser donzela aos trinta anos era sinal que a “moça velha” não cumprira a regra de se casar e ter filhos. No imaginário da sociedade que se formava, as mulheres nas mesmas condições das tias Lucinda e Angélica não eram mais “amáveis” e disfarçavam o fracasso sentindo-se superiores por terem estudado. Para a classe média, era usual que as moças consideradas feias e retraídas fossem “chamadas” para o magistério. Ser professora era uma profissão aconselhável e aceitável para mulheres sós. Nos autos do processo do homicídio do pai dos filhos de Saninha, um dos argumentos de defesa de Dilermando “foram as tias, que, invejando Saninha, estimularam o marido traído a fazer justiça com as própria mãos”¹² e, como prova, apresentavam o fornecimento por elas do endereço onde supostamente estava a esposa que abandonara o lar.

Segundo Mary Del Priore, (2009) na literatura não faltavam autores para descrever os defeitos das “moças velhas”. Em uma citação de um trecho de Berilo Neves na Revista da Semana, podemos ler o seguinte trecho:

O pior, para uma mulher, é não casar. O celibato feminino é uma fábrica ativíssima de monstros. A mulher é um ser profundamente afetivo. Nasceu para amar_seja a um homem, a um santo ou a um gato. Muitas vítimas de namoros malogrados refugiam-se no seio acolhedor da Igreja. São milhares e milhares de devotas místicas, exaltadas ao sentimento religioso, que encontram aos pés da cruz um consolo para a felicidade perdida. Outras dedicam-se ao professorado_ e infernizam a alma terna das crianças (devia ser proibida a existência de professoras solteiras!). Como não

¹² Retirado do Diário de São Paulo, agosto a outubro de 1949. Depoimento: “Eu matei Euclides da Cunha”- Dilermando de Assis.

casaram, descarregam nos petizes todo o fel acumulado em longos anos de renúncia. Outras, por fim, dedicaram-se a falar da vida alheia, a intrigar, a pôr veneno na vida dos conhecidos, a começar pelos parentes. (apud DEL PRIORE, 2009, p. 10).

Com a crença de que as mulheres tinham esta sina, na pensão Monat, considerada estritamente familiar, residiam muitas senhoras e a presença do belo e jovem Dilermando¹³ que fora visitar as tias Ratto, para anunciar o ingresso na carreira militar, causou certos rumores e arrepios.

Saninha na ausência do marido por meses, afastada dos filhos maiores, repudiada pela mãe e irmãos¹⁴e, sentindo-se solitária, passou a sentir as necessidades de uma mulher de 30 anos, casada, mas com um marido ausente. No início, transferiu seus cuidados de mãe, que aos poucos vão sendo substituídos pelas necessidades de Ana, como mulher, casada com o escritor de “Os Sertões”, membro da Academia de Letras, engenheiro, respeitado jornalista, homem renomado¹⁵ que pouco dava atenção a ela. Foi fácil encantar-se por um jovem órfão de 17 anos que ingressara na carreira militar. Era inadmissível para a “sociedade de bem” que uma mulher aparentemente tão bem casada se enamorasse por um rapaz que tinha idade para ser seu filho. De acordo com a mentalidade da época, toda a estrutura familiar poderia ficar abalada com a falta de compostura de mulheres que tivessem atitudes como a de Ana.

Ana não conseguiu amar o homem que a escolheu para esposa e cansou-se de viver na solidão que lhe era imposta. Constantemente acusada de ter fracassado como esposa, enfrentou a sociedade e deixou tudo para ir morar com seu grande amor. Rompeu definitivamente com a família e a sociedade, abriu mão da respeitabilidade de que gozava, dos filhos, de seu matrimônio. No entanto, a sociedade não julgou suficiente o banimento dessa “Maria” que não respeitou o papel que lhe fora imposto. Os amigos

¹³ Descendente de uma família de militares notáveis desde o século XIX, então com 17 anos, Dilermando seguia os passos de seu pai, tios e avô.

¹⁴ A situação do casamento de Saninha não se enquadrava perfeitamente nos princípios positivistas. As mágoas pelo comportamento de Euclides da Cunha com o sogro e os comentários constantes sobre o comportamento de Ana fizeram com que seus familiares temessem pela reputação de uma das mulheres da família Ribeiro.

¹⁵ Euclides chegou a ser considerado um Gênio, por isso após sua morte seu cérebro foi retirado e conservado para estudos craniológicos.

dos filhos de Saninha transferiram para os órfãos a função de lavar a honra. Saninha nunca foi perdoada pela sociedade normatizada pela preservação da família, mulheres que escolhiam ser “Eva” não possuíam lugar na jovem e moderna República.

Judhit de Assis,¹⁶ em seu livro “História de um trágico amor”, Mayara Paz (2009) relata que Mauro, o filho adúltero de Saninha, foi morto sete dias após o nascimento, por inanição, diante do marido que, traído, trancou a esposa no quarto e a proibiu de alimentar a criança. O segundo filho de Saninha e Dilermando, Luís Ribeiro da Cunha, foi também registrado por Euclides da Cunha, que não aceitou a separação e o escândalo daí resultante, especialmente quando se leva em conta a notoriedade das famílias envolvidas e a fama de Euclides da Cunha.

Com o assassinato do marido traído, Saninha foi proscrita e condenada por todos. D. Túlia, mãe de Ana, em carta à irmã de Euclides, consola-a dizendo: “Você chora a morte de seu irmão, mas infeliz sou eu que choro por ter trazido ao mundo essa infeliz.” (apud DEL PRIORE, 2009, p. 81). Depois de viúva, casou-se com Dilermando, que foi preso, e passou a ser chamada de Ana de Assis.

Ana nunca se defendeu publicamente. Em seu leito de morte, na última visita de Dilermando, manteve-se irredutível em sua condenação ao marido que a traíra. Em seus últimos momentos, teria reforçado o que confidenciou quando se separou de Dilermando: “Você é o único homem no mundo que não tinha direito de prevaricar.” (apud PAZ, 2009, p. 30-31). Em 1951, ambos vêm a falecer; ela, devido a um câncer e ele, resultante de sucessivos ataques cardíacos.

Em busca da felicidade, Ana pagou caro, acusada pelo crime de amar demais o homem que escolhera para amar. Tendo uma filha e um filho mortos nos primeiros anos de vida, marido e filho assassinados por Dilermando, outro filho morto em emboscada com suspeitas de ser a mando de seu grande amor, traída, partiu para criar os filhos sozinha e com grandes dificuldades financeiras. Quais seriam os encantos de um jovem que levou uma mulher a aceitar sem repulsa um banimento social?

¹⁶ Filha de Ana e Dilermando, ao publicar seu livro foi duramente criticada pelos defensores da memória euclidiana.

Uma mulher traída, banida, partirá para um novo recomeço deixando escrito, em um papel avulso, para aquele que havia abandonado tudo e todos: “Miserável [...]. Eu juro-te por meus pais e filhos que hoje sinto por ti o mais terrível ódio.” (apud DEL PRIORE, 2009, p. 127).

Retornando à nossa reflexão inicial, observando na mídia atual as matérias mostrando atrocidades que são cometidas contra as mulheres brasileiras, podemos refletir se o modelo imaginário de mulher perfeita para o casamento do projeto político da jovem República Brasileira ainda permanece, passados 121 anos. As “Saninhas” do século XXI e da não tão jovem República possuem julgamentos do senso comum diferentes da Saninha do início do século XX? A mulher do imaginário do senso comum da sociedade brasileira serve de parâmetros para o julgamento das “esposas” em todos os estratos sociais?

Saninha: an adulteress in the Belle Époque

Abstract

Ana Emília Ribeiro (1876-1951) who was answered by Brazilian society for the murder of her husband, Euclides da Cunha, lived as judged and condemned, perhaps for not having been subdued to the woman's imaginary of political project in the first years of Brazilian Republic. Along the way, Saninha, as Ana was known, provides an example to reflect on the great difficulty faced by a woman who did not respect the demands of society in Rio de Janeiro's Belle Époque. By battling for what she believed to be the best for her life, this woman was rejected, exiled, exposed openly in her intimacy by all high society of that period. Betrayed and abandoned by whom she dedicated her great love, she died alone without ever being publicly defended.

Keywords: Society. Woman. Political project. Positivism. Wife. Adultery. Honor Murder.

Referências

CARVALHO, Mario Cesar; SANTANA, José Carlos de (Org.). *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*: Roberto Ventura; São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEL PRIORE, Mary. *Matar para não morrer*: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

VENTURA, Roberto. *Os Sertões*. São Paulo: Publifolha, 2002.

PAZ, Mayara. Amar foi minha tragédia. *Revista pessoa mulher*, Brasília, ano 14, n. 103, p. 30, out./nov. 2009.